



Editorial

A difusão da Internet desde a década de 1990 e suas implicações no jornalismo têm motivado grande número de estudos acadêmicos e tentativas dos meios de comunicação em se adaptarem a ela. Os impactos da rede mundial de computadores, evidentemente, não se restringem ao jornalismo e abrangem miríades de atividades ao ponto de permitir afirmar ser ela evolução tecnológica mais marcante desde o desenvolvimento da imprensa tipográfica por Gutemberg no Século XV, e mais revolucionária por implicar em transformações profundas e rápidas nos campos científicos, tecnológicos, econômicos e políticos em âmbito mundial de forma ampla e regionalmente de formas específicas.

O jornalismo foi afetado em diferentes aspectos. O mais nítido ao leigo é na sua apresentação e distribuição pela própria rede, novidade que tirou da estabilidade as rotinas de produção e difusão dos produtos jornalísticos impressos, televisivos, radiofônicos, das agências de notícias e assessorias de imprensa. Mudaram também as maneiras de se formar jornalistas, de se organizar as empresas de comunicação, de se consumir notícias.

A conexão à rede, que inicialmente requeria um computador fixo e ligação por cabos, é feita cada vez mais por aparelhos transportáveis facilmente, alguns cabem no bolso, permitindo conexão permanente e ubíqua.

Se por um lado a Internet trouxe inegáveis benefícios e avanços, por outro acentuou problemas, fez emergir ou agravar desconfortos e patologias, alguns dos

quais ainda não se aprendeu a lidar, como a dependência psicológica da conexão à rede, que pode chegar à “adicação”, cuja facilidade de acesso é fator de agravamento.

Para colaborar com as discussões sobre o assunto, afeito também ao fazer jornalístico, cuja rapidez característica impede reflexões mais demoradas e profundas, a presente edição a Revista de Estudos da Comunicação convidou a doutora em Ciências Antropológicas, professora pesquisadora do Departamento de Comunicação da Universidad Autónoma Metropolitana de México, Rosalía Winocur, a tecer uma abordagem sócio-antropológica da conexão à Internet. A autora critica a tendência dominante nos meios de comunicação e de alguns âmbitos da academia em caracterizar o desejo de conexão permanente como uma nova patologia social, e propõe, em substituição, uma abordagem sócio-antropológica capaz de transcender o diagnóstico da alienação digital como produto da relação compulsiva com as novas tecnologias comunicacionais, mas sim originária nos dilemas sociais e culturais da atualidade. Rosalía Winocur é autora dos livros *Ciudadanos mediáticos* e *Robson Crusoe ya tiene celular*.

A comunicação mediada pela Internet está sendo usada administrativa e politicamente pelos governos, como o brasileiro. O estudo “Internet, Democracia e Comunicação de Governo – Análise de conteúdo da página do Facebook do Portal Brasil da Presidência da República”, realizado em parceria pela jornalista Juliana Pires Ferreira Nogueira e pelo também jornalista Carlos Potiara Castro, doutor em Ciências Sociais, questiona para quem são os benefícios, se para o público ou para o governo.

Da mesma forma, relacionado à Internet e às redes sociais, o artigo “A audiência convergida do telejornalismo nas redes sociais” do Prof. Dr. Paulo Eduardo Silva Lins Cajazeiras, da Universidade Federal do Cariri, trata dos telejornais buscando legitimação por meio das suas *fan pages* nas redes sociais, por meio das quais até certo grau o público passa a interferir nos conteúdos jornalísticos. Outro aspecto da comunicação pela televisão é foco do artigo “Atuação e inovação no trabalho de artistas na televisão brasileira”, dos pesquisadores Wellington Dias de Mello e Priscila Ferreira Perazzo, da Universidade Municipal de São Caetano do Sul. Eles abordam as inovações nos processos de interpretação de atores e atrizes devido à difusão da teledramaturgia brasileira nas décadas de 1960 e 70.

Outra consequência da rede mundial de computadores na mídia é a “transmigração” dos conteúdos midiáticos que desencadeiam processos de desterritorialização e reterritorialização. O assunto é teorizado sob o viés midiático pela Prof. Dr. Rejane de Oliveira Pozobon, da Universidade Federal de Santa Maria, e pela mestrandia em Comunicação, Andressa Dembogurski Ribeiro, da Universidade Federal de Santa Maria, no artigo “GranaBook: a construção da informação em um território midiaticizado”.

O recente processo eleitoral brasileiro, por sua vez, reacendeu os questionamentos sobre a atuação da imprensa. O artigo “Organicidade de classe e empresas jornalísticas: uma crítica à ideia de Partido da Imprensa”, do Prof. Dr. Fábio Venturini, faz uma análise materialista-dialética do posicionamento político de algumas empresas jornalísticas.

Esta edição da Revista de Estudos da Comunicação também traz os artigos “Recursos midiáticos aplicados à formação profissional: Educação a distância na área de saúde”, temática do artigo das doutoras Gabriela Eyng Possolli e Rosiane Guetter Mello Zibetti, da Fundação Carlos Chagas; e “Ser criança em Pais e Filhos e Crescer: pistas para um estudo sobre a compressão no período da infância”, resultado de pesquisa de Renata Tomás, da Universidade Federal do Rio de Janeiro; e “Os desafios da Comunicação voltada ao torcedor de futebol: estudo exploratório baseado no constructo ‘amor ao time’”, de autoria de Maria de Lourdes Bacha e Celso Figueiredo Neto.

Boa leitura e pesquisa a todos, enquanto encontra-se no prelo uma edição especial com a temática “Comunicação Digital”, a ser publicada em dezembro.

Prof. Dr. Zanei Ramos Barcellos

Editor-chefe